



De coadjuvantes a protagonistas: a Representação da População Negra na Teledramaturgia Nacional¹

Felipe Rodrigues Echevaria²

Veronice Mastella da Silva³

Universidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, RS

Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre como a população negra tem sido representada nas telenovelas brasileiras desde a década de 1960 até o ano de 2009. Nas telenovelas brasileiras, ao longo de décadas, é possível perceber uma mudança em relação à forma como a população negra é representada. Se, nos primórdios da televisão, atores negros interpretavam apenas papéis secundários (de escravos e empregados - o que gerava reclamações entre a população de raça negra), hoje já são protagonistas, representando personagens bem sucedidos profissionalmente e de grande importância às tramas. Porém, ainda assim, a população de raça negra no Brasil ainda demonstra insatisfação em relação à maneira como são representados nos folhetins televisivos, o que gera questionamentos e debates.

Palavras-Chave: Negros; Telenovela; Cultura; Televisão; Comunicação.

Introdução

A telenovela, considerada como produto da indústria cultural do Brasil mais divulgado no exterior, é também, sob o prisma de estudiosos de comunicação e de outras áreas do saber, uma forma de representação que revela características socioculturais do país. Oriunda do folhetim do século XIX e da radionovela, a telenovela brasileira se aperfeiçoou ao longo dos anos em termos técnicos e artísticos. Ao desenvolver uma linguagem própria, as telenovelas conseguem atrair a atenção de diferentes públicos, mesclando elementos da realidade brasileira com o conteúdo melodramático que garante o fascínio e adesão dos telespectadores às tramas. No entanto, no que diz respeito à população negra, são frequentes os questionamentos a respeito do modo como essa parcela expressiva da população e da cultura brasileira tem sido retratada nos folhetins televisivos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Bacharel do Curso de Publicidade-Unicruz, email: felipe230285@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Unicruz, email: veromastella@hotmail.com



Histórico das Telenovelas no Brasil

A primeira história parcelada surgiu com a implantação da TV no país, em 1950, se chamava “*Sua vida me pertence*”, escrita por Walter Forster. Por ser um novo produto, ainda não se sabia como explorar este novo tipo de narrativa, então as radionovelas serviram como base. Os atores, no princípio, tinham dificuldades, pois se antes, no rádio, apenas liam os textos, com a produção de novelas televisivas precisavam decorá-los, além de desenvolver expressões corporais que fossem adequadas à fala, representadas na frente das câmeras, ao vivo, com narrador e sem plateia. A primeira telenovela brasileira a ser transmitida diariamente chama-se “*2-5499 Ocupado*”.

A telenovela-folhetim foi descoberta na Argentina, por Edson Leite, diretor artístico da TV Excelsior, que importou um original de Tito de Miglio, adaptando-o para exibição diária, em 1963, no Canal 9 de São Paulo e Canal 2 do Rio de Janeiro. Não por acaso denominava-se *2-5499 Ocupado*, clara alusão às emissoras, na visão inteligente desde nosso Émile de Girardin do século XX. História de uma presidiária, interpretada por Glória Meneses, que tem como par romântico o então estreante ator Tarcísio Meira. A razão do título é a função de telefonista do presídio, exercida pela heroína, por quem o herói se apaixona, através do contato possível – a voz -, sem saber de sua condição real. (CAMPEDELLI, 2001, p.59)

Durante esta fase experimental da telenovela no Brasil, a produção das novelas ainda não contava com um departamento de figurino. A atriz Márcia Real contou em um depoimento que para gravar uma cena de casamento na novela *Senhora*, teve que usar o vestido de noiva com o qual casou na vida real. “Devido à improvisação da televisão brasileira, não existia um departamento de guarda-roupas que se ocupasse da preparação dos artistas. Os atores traziam suas roupas de casa, e no caso de peças históricas, a empresa alugava as vestimentas na Casa Teatral”. (ORTIZ ET AL. 1991, p. 33-34).

Nos primórdios da telenovela no Brasil, muitos enredos eram baseados em radionovelas cubanas ou adaptados de telenovelas argentinas. O amor proibido entre jovens de diferentes classes sociais, como por exemplo, um rico e bem sucedido médico vivendo uma história de amor com uma humilde empregada doméstica, era frequentemente explorado nas tramas.



Portanto, os anos de 1963 e 1964 são decisivos para a implantação do gênero. No segundo semestre de 1965, a adaptação brasileira de “*O Direito de Nascer*”, original do cubano Felix Caignet, e adaptado para a televisão por Teixeira Filho e Talma de Oliveira fez um enorme sucesso. Segundo Campedelli (2001), a grande audiência de *O direito de nascer* (o país contava com 598 000 aparelhos) e o sucesso dos papéis centrais – o ator Amilton Fernandes interpretando Albertinho Limonta e atriz Guy Loup como Isabel Cristina – fizeram com que a emissora, TV Tupi, promovesse uma festa de encerramento no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, a 13 de agosto de 1965, e no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, um dia depois. Ambos estádios superlotaram e o povo gritava o nome dos personagens, confirmando assim o sucesso que a telenovela tinha junto às grandes massas.

No final da década de 1960 começaram a ocorrer modificações notáveis e significativas nas telenovelas brasileiras. Se antes copiavam os padrões cubanos e argentinos, mostrando histórias com drama e amores proibidos, posteriormente passaram a modificar alguns clichês. Os diálogos, que antes eram mais formais, tornaram-se mais coloquiais e problemas sociais do povo brasileiro começaram a ser retratados. Um exemplo de telenovela que reflete bem esta mudança é *Beto Hockefeller*, exibida entre 1968 e 1969. Beto, o personagem principal, ao contrário dos protagonistas das novelas que se faziam até então, ao invés de ser um sujeito totalmente honesto, sem nenhuma falha de caráter, é um jovem de classe média que finge ser rico. *Beto Hockefeller* foi uma novela que rompeu com os diálogos formais, mostrando uma narrativa de cunho coloquial, repleta de gírias e de expressões populares.

A Rede Globo, que dominou a década de 1970, aposta nessas modificações ocorridas nas telenovelas e passa a retratar problemas sociais do Brasil e a fazer sátiras sociais. “Descobriu, antes de outras emissoras, que poderia tratar de conteúdos mais ousados, mais atuais, mais ‘realistas’” (Kehl *apud* Campedelli, 2001, p.37)

A Representação dos Negros na Teledramaturgia Brasileira

Desde que a telenovela consolidou-se no Brasil como um importante produto cultural, houve atores negros que se destacaram. A telenovela *Direito de Nascer*, baseada em uma radionovela do cubano Félix B. Caignet, foi ao ar entre 1964 e 1965, tornando-se um marco na história da tevê brasileira, repetindo o mesmo sucesso que teve no rádio nos anos 1940. A personagem “Mamãe Dolores”, interpretada pela atriz



negra Isaura Bruno, era extremamente bem quista pelos telespectadores. Entretanto, mesmo com a empatia despertada no público por uma atriz negra neste primeiro fenômeno de audiência da telenovela brasileira, nos anos seguintes pouco se viu personagens importantes interpretados por atores e atrizes negras na teledramaturgia nacional. Na década de 1960, entre os atores que se consagraram como ídolos nacionais, nenhum era negro, nem mesmo Isaura Bruno, que comoveu o Brasil com sua personagem Mamãe Dolores.

Ruth de Souza é uma atriz negra pioneira no teatro, no cinema e na televisão brasileira e na década de 1950 consolidou seu trabalho tornando-se uma grande atriz. Além de suas experiências artísticas no Brasil, as quais lhe renderam diversos prêmios, Ruth também foi indicada ao prêmio de melhor atriz do Festival de Veneza de 1954, concorrendo com atrizes americanas como Katharine Hepburn, mas acabou perdendo. Porém, em sua primeira participação em uma telenovela, *A deusa vencida*, em 1965, na TV Excelsior, o papel que lhe foi dado era o de uma empregada doméstica bisbilhoteira.

Fiz bons papéis porque quando cheguei à televisão eu já tinha reconhecimento, e tinha feito bons papéis no cinema. Os autores vêem o negro como serviçal [...] As histórias se desenvolvem em cima dos personagens brancos, e o negro não tem vez [...] O ator negro tem de se impor, senão ele fica fazendo eternamente o serviçal. Há muitas atrizes negras que aceitam papéis de serviçais e não conseguem questionar o autor, ficam dando aquelas risadinhas para o patrão branco [...] Estou completando este ano [em 1995] 50 anos de carreira artística, sinto que têm um certo respeito por mim, mas não é o que eu mereço. (SOUZA *apud* ARAUJO, 2001, p.90)

A década de 1970 marcou uma nova fase para as telenovelas brasileiras. Desde o seu surgimento na década de 1950, as telenovelas feitas no Brasil copiavam os padrões dos melodramas cubanos, mas em 1969, a novela *Beto Rockfeller* inovou por romper com o estilo das radionovelas, substituindo o teor dos diálogos por um tom mais coloquial e que mais se assemelhava ao modo de falar dos brasileiros, além de apresentar um roteiro que mostrava elementos da realidade do país. Essa inovação seria uma referência para a teledramaturgia brasileira produzida após *Beto Rockfeller*, que mostrava personagens em busca de ascensão social e que se deparavam com dramas e conflitos da vida urbana em grandes cidades. Todavia nesse clima de realismo, nenhuma história levada ao ar na década de 70 mostrou a luta da população negra brasileira pela ascensão social. Personagens interpretados por atores e atrizes negras nessa época tinham pouca importância dentro da história. Apesar disso, já era possível encontrar personagens negros de classe média alta bem sucedidos em suas profissões.



Na novela *Pecado capital*, de 1975, da autoria de Janete Clair, o ator Milton Gonçalves interpretou um psiquiatra que se envolveu em uma relação inter-racial com uma mulher branca, mas o romance foi vetado na novela devido a pressões do público e da censura política. Apesar de interpretar um profissional bem sucedido, o papel interpretado pelo ator negro não foi bem explorado.

Mas o personagem se enquadra na galeria dos profissionais negros perfeitos, de comportamento inteiramente aceitável, sem relações com sua comunidade de origem, sem vínculos com outras pessoas de sua raça. Um personagem que poderia ter ido além, se a autora tivesse ou pudesse ter desenvolvido várias possibilidades dramáticas, se buscasse, por exemplo, mostrar como ele chegou até o posto que ocupava, que obstáculos enfrentava em sua nova classe social, numa profissão em que praticamente todos os outros profissionais são brancos. (ARAÚJO, 2000, p.120)

Personagens interpretados por atores negros na década de 70, assim como na década anterior, geralmente eram os de criados fiéis, os jagunços obedientes e as “mães negras” (como é o caso de *mammie*, interpretada pela atriz negra Hattie McDaniel em *...E o vento levou*, de 1939), estereótipos também consagrados pelo cinema norte-americano. Alguns atores e atrizes chegaram a reclamar desta questão para os autores, mas eram aconselhados a “cair na real”, pois caso não aceitassem esses papéis nem sequer estariam na televisão.

Além disso, as relações entre negros e brancos nas telenovelas eram retratadas de modo que os negros eram fieis e submissos às pessoas brancas. Os personagens negros quando se deparavam em uma situação de discriminação racial reagiam com educação, poucas vezes com indignação, mas nunca com revolta. As histórias não mostravam a discriminação racial e demonstravam que os negros só ascendiam socialmente quando ajudados por um branco ou por uma família branca. “Talvez por essa razão, foram histórias que nunca incomodaram os censores da ditadura militar” (ARAÚJO, 2000, p.183)

Já na década de 1980, tornou-se muito comum telenovelas, em especiais as produzidas pela Rede Globo, que se passavam na época de escravidão, sendo que a escravidão era mostrada como algo errado e condenável. Novelas como *Escrava Isaura* e *Sinhá-moça* tinham como tema a busca dos escravos pela libertação e foram vendidas para dezenas de países.

Não é possível afirmar, com segurança, quais foram os motivos que levaram a emissora a incluir regularmente a temática dos escravos em busca pela liberdade em suas adaptações literárias; provavelmente foram razões mercadológicas,



determinadas pelo sucesso de *Escrava Isaura* no Brasil e no exterior. (ARAÚJO, 2000, p.193)

Nessas telenovelas que tinham como temática a abolição da escravatura, geralmente adaptadas de romances clássicos da literatura brasileira, as cenas em que negros eram torturados por brancos mostravam a passividade e subserviência dos negros, que em nenhum momento se revoltavam ou se defendiam dos maus tratos.

A década de 1990 apresentou algumas melhorias em relação à forma como os negros são retratados em telenovelas. Segundo Araújo (2000, p.261), a novela *Felicidade* exibida em 1991 e escrita pelo autor Manoel Carlos, “trouxe uma das melhores caracterizações que encontramos em nossa pesquisa da composição racial e da cultura do subúrbio carioca”. *Felicidade* mostrou aos telespectadores personagens bem construídos e não estereotipados, além de apresentar cenas em que personagens negros se defendem com ferocidade e determinação diante de ofensas proferidas por personagens brancos, ao contrário de novelas anteriores onde personagens de raça negra apresentavam postura passiva e submissa quando agredidos física ou verbalmente por personagens brancos.

Em 1994, a novela *Pátria Minha*, de Gilberto Braga, causou grande polêmica no capítulo onde um personagem branco acusa seu jardineiro negro de lhe ter roubado joias e documentos, fazendo declarações racistas, chegando a insinuar que negros têm o cérebro diferente do cérebro dos brancos e por isso aprenderiam menos. Tal declaração gerou revolta entre os integrantes do Geledés/SOS Racismo, uma entidade de São Paulo que luta pelos direitos dos negros, que recorreram à justiça contra os responsáveis pela novela, acusando-os de terem exibido uma cena que feriu a auto-estima da comunidade negra. O que mais indignou os participantes da entidade não foram as palavras ofensivas ditas pelo personagem branco, mas sim a passividade com que a vítima, um personagem negro, reagiu à humilhação. Como forma de retratação, a emissora transmitiu capítulos em que o jardineiro negro recebeu conselhos de outra personagem também de raça negra, que o aconselhou a ter orgulho de sua raça e lutar contra o racismo. Ainda nesse mesmo ano, a atriz negra Ruth Souza afirmou que é muito importante que a raça negra proteste contra injustiças e lembrou que a novela *A viagem*, exibida também em 1994, retratou o céu como um paraíso sem pessoas negras, o que fez com que a Rede Globo recebesse cartas de protesto.

A próxima vítima, exibida em 1995, mostrou uma família de classe média negra de grande visibilidade dentro da trama. O autor Sílvio de Abreu optou por não



tocar no tema preconceito ao retratar essa família, os Noronha. Inclusive há determinadas situações nessa telenovela onde o preconceito é apresentado de forma invertida, pois a família negra de classe média não aprova o namorado branco da filha por ele ser rude e não saber se portar em situações formais, como em uma cena em que ele vai jantar na residência dos Noronha e comete várias gafes, falando e comendo de maneira grosseira. A família Noronha foi bem aceita pelo público. O preconceito racial também foi retratado em outras novelas dos anos 90 como *Anjo mau* e *Por amor*, ambas de 1997. Ainda nessa década, aconteceram algumas mudanças nas telenovelas favoráveis aos atores negros. A atriz Taís Araújo foi a primeira protagonista negra de uma telenovela brasileira, em *Xica da Silva*. A beleza da mulher negra passou a ser reconhecida e valorizada na ficção, a exemplo de Camila Pitanga e Taís Araújo.

Tais mudanças favoráveis aos negros na teledramaturgia nacional tiveram continuidade na década de 2000. Em 2006, o ator Lázaro Ramos conquistou o público brasileiro ao viver o personagem Foguinho de “*Cobras & Lagartos*”, ganhando um papel de grande visibilidade e aceitação. Em 2004, a Globo lançou sua primeira telenovela, *Da cor do pecado*, protagonizada por uma atriz negra (Taís Araújo), no horário das 19 horas, e em 2009 a primeira telenovela do horário das 21 horas protagonizada por uma atriz negra, cuja protagonista também foi interpretada pela mesma atriz da novela anterior. A novela se chamava *Viver a Vida*, escrita por Manoel Carlos e retratava a vida de Helena, uma modelo bem sucedida, que mais tarde casa com um homem branco e vive uma crise no casamento. Porém, a personagem Helena (Manoel Carlos geralmente batiza suas protagonistas de Helena e Taís Araújo foi a primeira atriz negra a viver uma “Helena negra”) não emplacou. Helena fazia parte do núcleo bem sucedido financeiramente da novela e a discriminação racial não fazia parte da história da protagonista, que apenas em algumas cenas relatou ter sofrido racismo em sua trajetória.

Vários críticos acusaram a novela *Viver a vida* de não mostrar a realidade de uma mulher negra no Brasil. Uma cena que recebeu muitos comentários desfavoráveis foi a cena em que Helena pede perdão de joelhos à mãe de sua enteada pelo acidente de carro sofrido pela mesma. A mãe, indignada pela situação da filha e culpando Helena pelo incidente, desferiu uma bofetada no rosto da protagonista, que exatamente como em novelas do passado, reagiu de forma submissa e não esboçou nenhuma defesa. Críticos e telespectadores consideraram que a personagem Helena de *Viver a vida* não teve brilho e apenas reforçou estereótipos relacionados a personagens negros em telenovelas.



Conclusão

A telenovela brasileira é, sem dúvida, um produto cultural midiático de grande aceitação no Brasil, mobilizando, diariamente, milhões de pessoas. Sua importância é reconhecida pelos estudiosos de comunicação, que frequentemente a têm como tema de estudos, livros e palestras. É considerada como uma verdadeira “paixão nacional” assim como o futebol. Começou como uma produção mais voltada para o público feminino até atingir um público mais heterogêneo; pessoas das mais variadas classes sociais, etnias, níveis de escolaridade e faixa etárias passaram a assistir telenovela. Hoje, é possível dizer, que ela faz parte do cotidiano dos brasileiros e é, frequentemente, tema de discussão entre familiares e amigos.

No que diz respeito à maneira como personagens negros são retratados na ficção, a análise de telenovelas produzidas na década de 60 até o ano de 2009, apresentada no presente estudo, mostra uma evolução nesse quesito. Personagens interpretados por atores negros, além de estereotipados, eram de pouca visibilidade e importância para a trama, geralmente de empregados e escravos, fato que gerava muitas reclamações por parte da população negra brasileira. O público composto por pessoas negras também reclamava da pouca participação de atores negros em telenovelas; segundo alguns estudiosos, isso se deve ao fato de que a Rede Globo, principal exportadora de telenovelas do Brasil, copia padrões norte-americanos e europeus, onde nas produções televisivas predominam um número maior de atores brancos em relação a atores negros. Além disso, a Globo tenta retratar uma classe média semelhante à classe média de alguns países europeus aonde suas telenovelas são assistidas, e nesses países a maioria da população é branca.

Porém, a partir da década de 1990, é possível perceber mudanças significativas em relação ao modo que personagens negros passaram a ser retratados nas telenovelas. Famílias negras de classe média, bem estruturadas e personagens de grande importância às tramas começaram a ganhar força na teledramaturgia brasileira, além de um destaque nunca antes visto para a beleza de atores e atrizes negras, prerrogativa que antes só possuíam atores e atrizes brancos. Porém, mesmo com esses avanços e conquistas,



críticos e parte da população negra continuam afirmando que o personagem negro é apresentado na ficção de forma estereotipada e que a subserviência aos brancos ainda acontece da mesma forma como ocorria em telenovelas do passado. Quando atores negros interpretavam empregados e escravos, havia uma série de reclamações por tal fato. Posteriormente, quando atores de raça negra começaram a interpretar pessoas bem sucedidas profissionalmente e de alto poder aquisitivo em novelas, parte da população negra afirma que os autores não estão retratando assim a realidade de uma pessoa negra no Brasil.

Nota-se assim uma freqüente insatisfação por parte da população negra brasileira em relação à maneira como são representados nas telenovelas. Portanto, conclui-se que retratar pessoas negras em telenovelas é uma questão bastante difícil e delicada. Mesmo após mais de 40 anos de telenovela no Brasil, ainda não se chega a um consenso sobre como retratar negros na ficção, algo que deve ser bastante custoso e arriscado para os autores na hora de retratar negros em suas telenovelas.

Referências

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira.** 2.ed. São Paulo: Senac, 2000.

CAMPEDELLI, Samira. **A telenovela.** Editora Ática, São Paulo, 2001.

LEAL, Ondina Fachel. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

MARON, Carla Micheli. **A Verdadeira Paixão Nacional. Um estudo sobre a evolução da telenovela, gênero dramático fenômeno de audiência no Brasil.** UNICRUZ, Cruz Alta, 2005.

MELO, José Marques de. **As telenovelas da Globo: produção e exportação.** Editora Summus, São Paulo, 1988.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões, RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela: história e produção.** Editora Brasiliense, São Paulo, 1991.

PERUZOLLO, Adair Caetano. **Comunicação e cultura.** Editora Sulina, Porto Alegre, 1972.

LEE-MEDDI, Jeocaz. **Os negros nas telenovelas.** Disponível em: <<http://virtualia.blogs.sapo.pt/29596.html>>. Acesso em: 27 de junho de 2011.

A Representação da Mulher Negra na Teledramaturgia Brasileira: Um Olhar Sobre A Helena Negra de Manoel Carlos. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/arte-cultura/a-representacao-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira.htm>>. Acesso em: 27 de junho de 2011.